Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

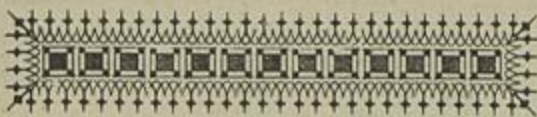
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 768

30 DE ABRIL DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL — A ESTATUA DE PEDRO ALVARES CABRAL

Esculptura de Bernardelli para o monumento commemorativo do descobrimento do Brazil

CHRONICA OCCIDENTAL

Na segunda feira, á noite, á mesma hora em que o publico se começava dirigindo para o theatro D. Amelia, onde a companhia franceza representava pela primeira vez em Lisboa, recebiam os srs. Leitão & Irmão os artistas e homens de letras que haviam convidado para a exposição da baixella Barahona, uma obra prima de ourivesaria.

Arte e theatro.

Estão sendo duas coisas bem differentes.

E não é isto prologo para catilinaria nas peças que nos chegam fresquinhas de Paris e nos artistas, alguns d'elles de muito valor, que nos acabam de alegrar tantas noites a fio. E simples desabafo de quem ha muito scisma na definição d'uma palavra, que tanta vez se vê empregada em frases como esta: «É muito bem imaginado, admiravelmente escripto, obra d'arte de muito alto valor, foi excellentemente desempenhado, mas aquillo não é theatro.»

Mas então o que é theatro?

E este ponto de interrogação afflige-nos de dia, toma á noite, em pesadelos, formas crueis de fantasma. Parece que já muitos querem que sejam arte e theatro coisas incompativeis.

Diga-se, porém, a verdade, tem-se-lhe feito a diligencia, e muito mais ainda com peças, que são o tal *theatro* (cá está o medonho ponto de interrogação) applaudido, do que, muita vez, com essas comedias que muitos criticam como assassinas do bom gosto, mas que não passam de mais ou menos engenhosos processos de provocar o riso d'uns e de metter dinheiro na algibeira d'outros.

E, perdendo dois actos de *Les maris de Léontine*, entremos no estabelecimento, cujos proprietarios tão amavelmente nos convidaram.

As primeiras peças encommendadas aos distinctos industriaes portuguezes pelo sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso, opulento proprietario em Evora, constam de um enorme centro de mesa e de dois candelabros de prata, admiravelmente cinzelada.

Os srs. Leitão & Irmão brindaram-os com duas photographias, acompanhadas por uma muito bem escripta memoria, em que, depois d'um ligeiro bosquejo historico sobre ourivesaria portugueza, nos descrevem minuciosamente o riquissimo e formoso objecto d'arte, com que o sr. Barahona acaba de enriquecer-se e que tanto honra o esforço intelligente de todos os artistas que n'elle trabalharam.

E' effectivamente uma obra prima, de estylo purissimo, onde tudo merece elogio, desde a inspiração primeira até ao mais ligeiro pormenor da execução.

Columbano Bordallo, o pintor que, ha muito, admiravamos e cujas telas são gloria da arte portugueza, revelou-se-nos agora esculptor primoroso. O que o torna grande artista entre os maiores é a sua consciencia escrupulosa. D'ahi a perfeição meticulosa de cada ornato sobre a linha geral purissima, d'ahi a belleza incomparavel das figurinhas, que são o principal encanto da baixella Barahona.

E tão pessoal é Columbano, que não ha quem, conhecendo meia duzia de seus quadros, não veja n'aquellas esculpturasinhas preciosas a assignatura do grande artista.

Agradecendo aos srs. Leitão & Irmão o prazer que nos deram, a todos enviamos as nossas felicitações, ao rico proprietario, possuidor d'uma obra genuinamente portugueza, e ao mais humilde collaborador dos artistas que a executaram.

Pena é que ella não possa figurar na exposição de Paris, d'onde nos chegam noticias pouco agradaveis para os pintores portuguezes. Parece que as salas destinadas á exposição dos quadros são pequenas demais e que, pelo menos, metade das telas não poderão ser expostas.

Um correspondente de Paris para um jornal de Lisboa apresentava a opinião de serem collocados primeiramente todos os quadros pintados por senhoras, destinando-se depois o espaço restante para as telas dos artistas de profissão. E', porém, de suppor, felizmente, que tal opinião não encontre adeptos nos que superintendem no assumpto. Uma exposição de quadros, sobretudo no estrangeiro e n'uma occasião tão favoravel para tornar conhecidos homens de merito, que raras vezes podem sahir fóra do meio mesquinho em que luctam, não deve ser apenas uma exhibição de vaidades, aliás quasi sempre inoffensivas.

Não confundamos arte com habilidades, e pelos artistas portuguezes, em geral de vida tão erriçada de difficuldades serias, mostremo-nos um pouco menos *talon-rouge* com as damas. Talvez todos ganhemos... até ellas. Com o devido respeito... ás devidas excepções.

Artistas e curiosos, arte e theatros... Inimigos de mãos dadas.

D'essas questões muitas houve agora no theatro D. Amelia, a proposito do genero hoje mais applaudido em França, muitas no theatro de S. João, onde alguns espectadores patearam a *Lagartixa*. Mas lá e cá theatros cheios. Para a segunda recita, no Porto, da peça de Feydeau venderam-se bilhetes por altissimo preço. Mas não só essa comedia teve um exito completo de camaroteiro, as enchentes foram todas successivas.

Depois de duas recitas em Coimbra, a companhia volta para Lisboa, d'onde parte d'ella seguirá muito brevemente para o Brazil.

No Rio de Janeiro deverá representar-se pela primeira vez uma peça de Julio Dantas, commemorativa da viagem levada a cabo por Pedro Alvares Cabral e cujo centenario Portugal e Brazil commemoram no proximo dia 5 de maio.

E' uma data das mais gloriosas da nossa historia. O facto é capital na historia da humanidade.

Commemoral-o é estreitar relações entre dois povos indissoluvelmente unidos pelo parentesco. São da mesma raça tão cheia de tradições, falam a mesma lingua em que se acham escriptos os Luziadas. Reflexos sympathicos das alegrias e dores tornam communs aos dois paizes, um d'elles velho vivendo só quasi de saudades o outro cheio de vida e d'esperanças, as dores e as alegrias.

Só d'estas se trata agora. Deverão as festas ser faladas e no programma das que hão de effectuar-se no Rio de Janeiro não faltam homenagens sentidas ao velho Portugal.

E no mundo tão pequeno, quando uma parte d'elle celebra com jubilo o facto glorioso que lhe deu vida na civilisação, uma outra, ainda como nos velhos tempos barbaros, tinge-se com o sangue de seus filhos que se batem pela independencia, com o sangue de muitas victimas, que ambiciosos para lá de muito longe mandaram a combater.

Continua muito discutida e commentada em seus multiplos resultados a passagem das tropas inglezas atravez a região portugueza da Beira.

Segundo telegramma de Lisboa para o *Temps*, o texto da nota enviada pelo ministro de Inglaterra ao Sr. Beirão seria o seguinte: «Tenho a honra de informar a V. Exª de que o meu governo tenciona fazer passar pelo caminho de ferro da Beira com destino á Rhodesia um numero de tropas ainda não determinado. O meu governo invoca para isto os direitos que lhe foram reconhecidos pelas notas trocadas entre o Dr. Petre (antigo ministro inglez em Lisboa) e o Sr. Conde de Valbom (ministro dos negocios estrangeiros em Portugal) em 1891».

Foi diz-se, em vista d'esta nota, cuja authenticidade não foi confirmada, que o Sr. Beirão deu ordens para a Beira afim de ser concedida passagem ás tropas inglezas.

A guerra continúa e ameaça prolongar-se por muitos mezes ainda, sem que até hoje se lhe possa prever com serias probabilidades o resultado definitivo. A quem a victoria final?

Nos paizes da Europa fala-se hoje mais na exposição de Paris do que nos boers, em Lisboa, muito mais do que da violação da neutralidade se fala da Burty.

Alegre adeus nos deu o inverno com essas hilariantes peças francezas com que espalhámos o bofe.

No mesmo adeus do inverno devemos metter a decima quinta do *Barril do Lixo*, espirituosissima revista de Eduardo Schwalback e as representações do *Avarento* no theatro de D. Maria, em que Ferreira da Silva se mostrou, sem surpreza para quem ha muito lhe reconhece os recursos, actor de primeira ordem.

Os theatros vão todos em breve mudar de rumo e as toiradas é que hão-de assumir o primeiro logar entre os espectaculos concorridos.

Já se abriram as portas da Praça do Campo Pequeno.

Mas o tempo ainda não está devéras seguro. O noroeste continua soprando e as cargas d'agua, por vezes, lembram-nos o pino do inverno. Queira Deus que as nuvens não preguem peça aos que de muito longe veem em fins de maio a Portugal observar o eclipse total do sol.

O espectaculo, que muitos nunca viram, que só por acaso de viagem alguns poderão ver duas vezes na vida, chamará grande concorrencia a Ovar e Vizeu, principaes terras de Portugal onde é maior a duração do phenomeno.

Ha tempos um bom pae de familia levou as filhas a um observatorio para de lá verem um eclipse da lua. Demoraram se no caminho e, ao chegarem, disse-lhes o criado que lhes veio abrir a porta:

— Chegam tarde. Já se acabou o eclipse.

E o homem, muito importante, para as filhas:

— Não importa. Eu sou amigo do director. *Elle* torna a começar.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O MONUMENTO COMMEMORATIVO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

A estatua de Pedro Alvares Cabral que reproduzimos pertence ao admiravel monumento commemorativo do centenario do descobrimento do Brazil, que em breve se vae erigir em uma das praças da formosa capital federal, e que é devido ao insigne esculptor Rodolpho Bernardelli, artista de grande reputação, agora confirmada brilhantemente com os varios trechos estatuarios do monumento allegorico.

O monumento commemorativo do grande feito compõe-se de tres notabilissimas estatuas que são outros tantos monumentos e que representam a primeira a Pedro Alvares Cabral que saúda, deslumbrado, a terra maravilhosa que se lhe depara. As outras figuras são as de Pero Vaz de Caminha, que fala possuido de enthusiasmo á marinhagem dos botes, e a de frei Henrique, guardião dos religiosos, que agradece a Deus a boa fortuna da expedição.

Bernardelli é o auctor de outros trabalhos bem conhecidos e apreciados no Brazil, taes como a estatua do general Osorio, os bustos de D. Pedro II, marechal Deodoro, do dr. Montenoveze e conselheiro Leonardo Caetano d'Araujo.

Pedro Alvares e o seu commettimento teem, pois, hoje em artistico monumento a merecida consagração.

MARECHAL DEODORO DA FONSECA FLORIANO PEIXOTO E PRUDENTE DE MORAES

Presidentes da Republica dos Estados Unidos do Brazil

Em momento tão solemne é justo que rememoremos com o devido preito o illustre militar brazileiro, que pelo suffragio obteve a alta magistratura do seu paiz. A sua biographia é assaz eloquente: na reproducção d'ella vae a nossa homenagem:

Manuel Deodoro da Fonseca nasceu a 5 de agosto de 1827, na, então, provincia de Alagôas, e era filho do tenente-coronel Manuel Mendes da Fonseca e de D. Rosa Maria Mendes da Fonseca.

Sentou praça de voluntario no quarto batalhão de artilheria desmontada, em fevereiro de 1845 e foi feito cadete em 18 de abril do mesmo anno.

A sua carreira militar foi das mais briosas, assignalada por varios feitos de valor que lhe conquistaram postos no exercito brazileiro. Quatro annos depois do seu alistamento, em dezembro de 1849, assistiu ao combate da barra de Natemba, sendo já 2.º tenente desde março d'aquelle anno. Em 26 de abril de 1852 foi promovido a 1.º tenente, a capitão em 2 de dezembro de 1856, sendo nomeado ajudante de ordens do commandante das armas de Matto-Grosso. Esta commissão valeu lhe o ser elogiado em 1862, quando se exonerou. Em 1864 fez parte da brigada que foi ao Rio da Prata em dezembro, passando em 27 de janeiro de 1865 á 2.ª brigada em operações, fazendo o sitio da praça de Montevideu até á capitulação.

E importante o papel que desempenhou na guerra do Paraguay. Fez parte da 1.ª divisão que marchou contra o dictador Lopes; foi nomeado major em commissão para commandar o 2.º corpo de voluntarios e assim tomou parte no combate de 16 de abril de 1866 effectuando o desembarque do exercito do Paraguay. Na vanguarda, composta

de contingentes de differentes corpos, obrigou o inimigo a retirar no desfiladeiro do Banhado, e o valor com que se portou mereceu ser elogiado pelo general em chefe na ordem do dia.

Tomou parte nos combates de Estero Bellaco e Puyuty, em maio de 1866, e, em julho d'esse anno, foi promovido a major por distincção em campanha, para o 1.º batalhão de artilheria desmontada. A 22 de outubro d'aquelle anno tomou parte na acção de Patreiro Ovelha e em 2 de novembro na de Tugy. E assim foi fazendo toda a campanha do Paraguay, distinguindo-se em cada combate, sendo uma unica vez ferido levemente na acção de Itororó, em dezembro de 1868.

Já coronel, tomou o commando da quarta brigada de infantaria, sendo pouco depois transferido para a 8.ª brigada da mesma arma. Foi nomeado commandante do districto de Curapity, depois de ter ficado triumphante no combate e assalto de Pirebebuy e Nbangussú. Em 1873 foi promovido a brigadeiro e nomeado commandante das fronteiras de Quarahion e Livramento. No mez seguinte recebeu a nomeação para inspector de cavallaria das provincias da Bahia e de Pernambuco e do deposito de instrucção de caçadores a cavallo e presidio de Fernando Noronha.

Em março de 1883 foi nomeado commandante militar do Rio Grande do Sul, e em 30 de agosto de 1884 promovido a marechal de campo. Voltou novamente a ser commandante militar do Rio Grande do Sul, em dezembro de 1886; sendo em 1888 nomeado commandante das forças de mar e terra e das armas da provincia de Matto Grosso, cargo de que foi exonerado em 28 de junho de 1889, quando o governo imperial presentia a conspiração que se preparava para a queda do imperio.

O grito de 15 de novembro de 1889, que proclamou a republica na formosa região brasilica, poz em evidencia em todo o mundo a personalidade do marechal Deodoro da Fonseca, como o chefe da revolta militar que o collocou na presidencia do novo governo, logar que as eleições de setembro do anno seguinte confirmaram. Passado pouco mais d'um anno, perante um pronunciamento militar que elevou á presidencia o general Floriano Peixoto, o marechal Deodoro teve que abandonar a primeira presidencia republicana, que se implantara no seu paiz.

Em janeiro de 1892, o valente militar pediu a sua reforma, e pouco sobreviveu a ella, porque em 23 de agosto do mesmo anno deixou de existir minado pela doença e pelos desgostos.

A Deodoro da Fonseca succedeu, pois, Floriano Peixoto que era tambem um dos militares mais valorosos que se distinguiram nas campanhas do Paraguay. Embora eleito vice-presidente da Republica, assumiu a presidencia bem cedo, podendo-se dizer que o seu governo foi uma constante lucta. Nas difficuldades que encontrou tornou-se um verdadeiro heroe, e então o antigo bravo da batalha de Aquidabam, sustentou valorosamente o prestigio da auctoridade, fazendo esforços quasi sobre-humanos para resistir e vencer a revolta que se alastrava por assim dizer a todo o paiz.

A reunião das assembléas que elegeram mais tarde o dr. Prudente de Moraes novo presidente da Republica, não conseguiu acalmar o paiz, e Floriano foi combatido até ao ultimo momento do seu governo, até entregar o seu mandato nas mãos do novo presidente.

Floriano Peixoto tambem não durou muito, morrendo com 53 annos de edade apenas, pois nascera, em 1842, na provincia de Alagoas.

Seguiu-se na presidencia da republica dos Estados-Unidos do Brazil o dr. Prudente de Moraes, o qual nasceu em Piracicaba, na provincia de S. Paulo; foi presidente no Congresso Nacional e no Senado, confirmando sempre os seus créditos, de fórma a bem merecer ser investido na suprema magistratura do paiz.

Havendo terminado, segundo o estatuido, pelo n.º 4 do art. 43 da Constituição da Republica o primeiro periodo presidencial, o novo presidente, ao tomar posse do espinhoso cargo de chefe do governo, pronunciou em sessão do Congresso Nacional e em virtude do art. 44 da mesma constituição, a seguinte affirmativa: — «Prometto manter e cumprir com perfeita lealdade a Constituição federal, promover o bem geral da republica, observar as suas leis, sustentar-lhe a união, a integridade e a independencia,» o que em verdade foi sua constante norma de proceder.

Por essa occasião o presidente dirigiu uma proclamação á imprensa e ao povo, pronunciando no seu palacio um discurso perante enorme multidão de pessoas e na presença dos ministros do governo findo.

As ceremonias da sua investidura foram imponentes, assistindo ao desfilar das tropas, e da guarda nacional. Todo o corpo diplomatico compareceu a essa solemnidade, e prestou as suas homenagens ao novo presidente, o que tudo concedeu ao inicio da sua grave missão, um notavel brilhantismo, de que se tornou digno.

CAMPOS SALLES

Actual presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil

A presidencia da Republica dos Estados-Unidos do Brazil pertence actualmente a um dos mais illustres caudilhos republicanos, um dos primeiros ministros do governo de Deodoro da Fonseca, o sr. Campos Salles, o candidato triumphante nas eleições realisadas em março de 1898.

Tão conhecido na sua patria como fora d'ella, o presidente Salles é tão respeitado alli como na Europa, onde, logo apoz a sua eleição, veiu tratar de negocios da grande republica. Hoje, que o seu paiz celebra a grande festa commemorativa, todas as homenagens lhe são endereçadas e o seu nome synthetisa todos esses vastos estados, que se orgulham de o ter como chefe supremo.

A biographia do presidente Campos Salles é vasta, e tão brilhante como se pode imaginar a de um homem que, pelo suffragio dos seus concidadãos, alcança tal posição. Possue qualidades exemplificadas na sua carreira. Estrenuo defensor da Republica, teve na pasta da justiça do primeiro governo occasião de mostrar o seu valor, reformando as leis penaes no sentido mais liberal e humano. Senador da Republica, mostrou como orador os grandes recursos da sua intelligencia e integridade de caracter.

Alliando a prudencia á energia, o seu governo tem moralisado indiscutivelmente a administração economica e politica dos Estados Unidos do Brazil, constituindo o seu advento á presidencia uma epoca de franca tranquillidade e de promettedor progresso e desenvolvimento d'aquella nação.

Acompanhando o Brazil na sua festa, que é tambem nossa, apraz-nos saudar o seu illustre presidente e acompanhar-lhe o retrato d'estas despretenciosas linhas.

ESTATUA DE D. PEDRO I

Primeiro imperador do Brazil

Só passados bastantes annos depois do descobrimento do Brazil é que n'elle se estabeleceram officialmente os portuguezes. Em 1549 foi despachado Thomé de Sousa governador, o qual fundou a cidade da Bahia.

Não tardou o paiz em prosperar e logo no começo do seculo XVII o desenvolvimento e riqueza do paiz excitaram vivamente a cubiça da França, Hespanha, e Hollanda. Esta ultima, entre os annos de 1624 e 1640 tomou aos portuguezes uma grande parte da colonia; mas em 1654 os colonos portuguezes, levados ao extremo pelas oppressões do governo batavio, amotinaram-se e libertaram a sua nova patria.

A prosperidade do Brazil ia sempre crescendo, graças ao trabalho dos portuguezes que encontravam aquella região uberrima prompta a pagar-lhes com usura, em extraordinaria abundancia de productos naturaes, toda essa iniciativa e esforços dispendidos.

Em 1698 descobriram-se as minas de ouro e em 1730 as de diamantes. Desde esta epoca até 1810 o Brazil nunca exportou para a metropole, annualmente, menos do que 14:280 quintaes de ouro e cincoenta mil cruzados em diamantes.

Como se sabe, em 1807, D. João VI, sobresaltado com a invasão franceza, refugiou-se no Rio de Janeiro, e em 1815, elevou o Brazil á categoria de reino alliado de Portugal. A emancipação das colonias hespanholas começou a despertar no povo brazileiro idéas de independencia que tiveram como preludio em 1817 a revolução de Pernambuco, que em breve se extendeu á Parahyba, Rio Grande do Norte e Alagôas, e com a qual se pretendia obter a applicação para o Brazil dos principios liberaes proclamados em Portugal pela revolução de 1820.

Em 1821, a instancias da junta governadora do reino, D. João VI voltou para Portugal, deixando no Brazil como regente a seu filho D. Pedro. Em 1822 o reino brazileiro declarou-se independente e conferiu o titulo de imperador a D. Pedro.

Em 1824 teve logar em Pernambuco a revolução conhecida pela *Confederação do Equador*, e em 1826, depois da morte de D. João VI, D. Pedro abdicou a corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria, e, em 1831, descontente por diversas revoluções e magoado pela indifferença geral como era olhado no Brazil, embarcou para a Europa abdicando em favor de seu filho D. Pedro II.

Comtudo o Brazil não esqueceu quanto devia ao seu primeiro imperante e elevou-lhe o monumento que reproduzimos, o qual se acha erigido na praça da Constituição, no Rio de Janeiro.

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Capital federal da Republica dos Estados-Unidos do Brazil

Os Estados-Unidos do Brazil constituem hoje politicamente considerados, uma das republicas mais vastas do mundo. Occupa ella a maior parte da região oriental da America do Sul, sendo banhada em alguns dos seus estados a leste e nordeste pelo Oceano Atlantico. Confronta ao norte com Guyanas e republica de Venezuela, a oeste com a Colombia, Perú, Bolivia, Paraguay e Confederação Argentina, e ao sul com o Uruguay.

Os estados da republica brazileira que se encontram na costa são, de norte para sul, alem do districto federal, os de Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, e Rio Grande do Sul. No interior apenas ficam os estados Amazonas, Matto Grosso, Goyaz, Minas Geraes.

A cidade do Rio de Janeiro, de que damos duas vistas é a capital da republica federal.

O visitante que aporta pela primeira vez ao Rio de Rio de Janeiro, ao penetrar a grande bahia do Guanabara, depara insensivelmente com uma das mais formosas prespectivas. Aquelle que a tiver admirado uma vez não mais a esquece.

A cidade do Rio de Janeiro acha-se situada a 23° 54' lat. S., e 45° 36' long. O.; porto natural militar e commerciante, cuja entrada, que mede 1:350 metros de largura, é defendida pelos fortes de Santa-Cruz, Villagalhão, Ilha das Cobras, S. João, e por outras baterias; é a séde do governo federal, e residencia do presidente; contem muitos estabelecimentos, taes como universidade, collegios, seminarios, faculdade de medicina, de cirurgia e de pharmacia; escolas de direito, e de bellas artes; academia militar e de marinha; instituto geographico e historico; bibliotheca nacional, bancos, galeria de quadros; gabinete de mineralogia e de zoologia; um magnifico jardim botanico; alfandega, e um notavel hospital maritimo creado em 1853; corpo diplomatico de todas as nações.

A cidade do Rio de Janeiro é dividida em duas partes, a antiga e a moderna, por um grande largo chamado Campo de Sant'Anna, ornado com uma bella fonte; a cidade nova levantada a O. da antiga, contem bellos edificios; o palacio episcopal ao N.; as egrejas de Nossa Senhora da Candelaria e de S. Francisco de Paula, e a cathedral de S. Sebastião ao S. nos pontos mais altos; a casa da moeda, a bolsa, os arsenaes da marinha e do exercito, o convento dos Benedictinos; o antigo convento dos jesuitas; o theatro de S. Pedro. o aqueducto da Carioca, magnifica construcção com duas ordens de arcos sobrepostos.

Nos arrabaldes novos, cheios de jardins e bonitas casas, tem alguns sitios dignos de especial menção, taes como Boa-Vista e Santa-Cruz, Tijuca, etc., Macom, importante pelas suas plantações; Cabo Frio, notavel pelas suas pescarias; Petropolis, linda cidade fundada em 1846, ligada á capital por uma via ferrea, a tres horas de caminho, está situada sobre o Carrego-Secco, que era outr'ora uma montanha coberta de florestas impenetraveis; n'ella teem os habitantes ricos do Rio as suas casas de recreio, desfructando no tempo quente o fresco clima e salubridade da povoação.

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada pelos portuguezes em 1556; os hollandezes tomaram posse d'ella em 1635-40, e restituiram-n'a depois da revolução que collocou no throno de Portugal a casa de Bragança; em 1711 foi tomada e devastada por Duguay-Trouin. D. João VI com sua familia e côrte, ahi se refugiou por occasião da invasão franceza em 1807, demorando-se até 1821; em 1822 proclamou o Brazil a sua independencia da metropole, e o Rio de Janeiro tornou-se a capital do imperio brazileiro, logar que, apesar da actual forma de governo, ainda occupa e, decerto, nunca lhe será disputado.

Centenario do Descobrimento do Brazil

ESTATUA DE PERO VAZ CAMINHA

Esculptura de Bernardelli para o monumento commemorativo do descobrimento do Brazil

UMA CARTA DE GUIMARÃES FONSECA

As linhas, que vão ler-se, eloquentes e enthusiasticas, palavras sahidas d'um coração de poeta, n'esse tempo em plena e vibrante mocidade, são extrahidas d'uma das muitas cartas, que d'esse paraizo de álem-mar, Guimarães Fonseca dirigiu a seu grande amigo dr. Luiz Jardim, hoje conde de Valenças.

Guimarães Fonseca foi um d'esses poetas d'alma e coração, a quem uma doença terrivel, que lhe amargurou os ultimos annos da vida, cedo roubou a quantos lhe admiravam seu talento luminoso, sua conversação scintillante, seus dotes extraordinarios de espirito e de caracter. A maior parte de seus escriptos acham-se dispersos por varios jornaes de Lisboa, d'alguns dos quaes foi collaborador assiduo.

Ao nosso amigo, sr. conde de Valenças, muito devemos pela generosidade com que nos facultou o podermos hoje brindar os nossos leitores com esta verdadeira joia litteraria, que tanto deve lisongear o patriotismo dos nossos irmãos brazileiros. Aos nossos agradecimentos hão de juntar-se os de todos esses, para quem Guimarães Fonseca se mostra tão justamente agradavel.

O sr. conde de Valenças acaba de prestar ás letras portuguezas mais um favor assignalado.

Meu Luiz

. . . .

Eu estou contentissimo com a minha nova vida; sinto-me bem e gosto muito d'este paiz! Que natureza formosissima, Luiz! Que arvoredos, que flores, que paizagem, que céo, e que dulcissimas noites! A natureza aqui, em primavera eterna, touca-se e adereça-se com todos os primorosos adornos da «moça gentil e faceira» como se diz em linguagem brazilea, e arrasta o manto de verdura, rescendendo de perfumes, por cima d'esses môrros alcantilados, que beijam o azul purissimo do céo, no meio das planuras de esmeralda, banhando os pés de fada nas immensas aguas d'este oceano, que lhe offerece a bacia esplendida de mais de vinte leguas de largura, toda marginada e semeada dos caprichosos arabescos das suas ilhas e collinas, embalando-a ao longe com as harmonias da sua «Serra dos Orgãos», dulcificando-a e edulçorando-a, com o gigantesco «Pão do Assucar», e adorando-a, na devoção do amor, com as humildes oblatas do seu sublime «Corcovado». Que bella, que divina natureza!

Quando eu ouvia fallar em Portugal com tanto desdem de Brazil e brazileiros, julgava isto uma terra inhospita e verdadeiramente selvagem; afi-

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA EM SANTAREM

Onde jazem os restos mortaes de Pedro Alvares Cabral

Orgulha-se a nobre cidade scalabitana de contar entre as reliquias confiadas á sua guarda as cinzas do grande navegador portuguez, a quem a fortuna reservou a gloria immarcessivel de descobrir a região portentosa que se chama Brazil.

Jaz esse deposito sagrado n'uma das capellas da elegante egreja de Nossa Senhora da Graça, em Santarem, a terra querida onde voluntariamente se exilou Pedro Alvares. O velho templo data da fundação da monarchia e o seu aspecto exterior confirma, nas graciosas linhas da sua architectura, essa antiguidade.

Na humilde campa repousam os restos de Pedro Alvares e os de sua mulher D. Isabel de Castro, segundo se vê da inscripção que publicámos a paginas 6 do presente volume.

Segundo as mais recentes averiguações, Cabral devia ter morrido cerca de 1520. Em seguida ao seu fallecimento, D. Izabel de Castro contractou com os frades eremitas da egreja a capella de S. João Baptista, para n'ella se collocar o carneiro onde dormem o somno eterno, seu marido, ella e seu filho.

Não pode haver duvida alguma, felizmente, de que se encontram alli os despojos mortaes de Pedro Alvares, pois que as possiveis diligencias feitas em 1882 assim o affirmaram. Por essa occasião se lavrou um auto que se encontra no respectivo archivo municipal e que foi rubricado na lapide que cobre a sepultura.

Embora não tenham ainda o merecido monumento as cinzas do grande nauta e valente capitão portuguez, teem, comtudo, apezar da modestia da campa, a mais illustre companhia, pois no mesmo templo se encontram as sepulturas de grande numero de nobres portuguezes.

ESTATUA DE FREI HENRIQUE

Esculptura de Bernardelli para o monumento commemorativo do descobrimento do Brazil

gurava-se-me que tudo aqui era senzala, negraria, labutação de café e mandioca, e distillação de cachaça! Que desgraçado juizo! Que cidade encontraremos nós os europeus mais formosa que esta do Rio de Janeiro, a não ser Paris ou Vienna d'Austria? E de proposito omitto Londres, porque para mim Londres não póde ser uma cidade habitavel e sympathica; julgo antes que seja uma fabrica enorme, um laboratorio de alchimia commercial, uma lôbrega furna dos escravos da industria, dos párias do trabalho doloroso, emfim uma caverna feia, escura, e frigidissima. Ora eu detesto a escuridão, a fealdade, e o frio, e não quero por isso, nem por sombras, comparar Londres com esta filha gentil do Guanabara, toda ridente, louçã e coquette, menina e moça, que se mira no crystallino espelho de suas aguas limpidas, e que se espreguiça luxuriantemente à sombra das suas palmeiras e dos seus coqueiros, as arvores mais bellas do mundo.

E já que fallei em «menina e moça» com a phrase mimosa do nosso Bernardim, lembra-me agora dizer-te que as não ha em todo o mundo mais formosas do que aqui. É uma coisa surprehendente. Esta raça de mulheres com a sua alvura de jaspe, com a sua cabelladura d'ebano, com os seus olhos negros e scintillantes, com as delicadas e voluptuosas formas do corpo, com a elegancia do traje, com a aristocracia do porte, emfim com tudo o que se requer para completar o ideal da mulher, espanta-me! Fico abananado (esta palavra, cuido eu, é extrahida das bananas, uma fructa que se come aqui todos os dias para estragar o paladar dos brazilei ros; ponho este parenthesis para te provar que ainda não estou de todo brazileiro na lingua e no conceito) fico abananado, quando, ás vezes, vou de passeio ate ao pittoresco môrro da Gloria para recrear os olhos da alma por essa esplendida bahia, que se alarga d'uma extrema á outra do horisonte, e vejo em todas as ruas, em todas as rotulas, em todas as janellas, bandos de moças lindas, capazes de enfeitiçar o diabo, se elle se lembrasse de tentar outra Eva.

É realmente maravilhoso. De que parte do mundo viriam para debaixo do céo dos tropicos estes anjos de luz? Os indigenas da America, broncos e rudes, não podiam operar a metamorphose. Afigura-se-me, e releva-me o dislate da phantesia, que a natureza da America affeiçoou ao irradiar das suas estrellas, aos alvores suavissimos da sua lua, aos perfumes das suas arvores e das suas flores, ao esplendor da paizagem, á belleza e á magestade do seu oceano, emfim a todo esse conjuncto de inefaveis harmonias da terra, do mar, do céo, a formosura das primeiras mulheres, que vieram da Europa fecundar aqui neste paraiso do Brazil. Nem podia deixar de ser, porque mesmo todas as creanças que por aqui vejo são d'uma formosura ideal. Esta explicação, a que eu chamei dislate da phantesia, a final não o é, — visto que existe realmente uma intima ligação entre a natureza animada e a natureza inanimada; e por isso e porque a mulher é a que pela sua organisação especial, pela natureza sensitiva, ou vegetativa, ou como quizeres, se harmonisa mais com as flores da terra e do céo, não poderão aqui nascer mulheres feias, nem homens bonitos.

Ha aqui uma raça, a que eu chamo mestiça, e que os brancos chamam raça parda; são os mulatos. O sexo feminino d'esta raça peculiar da America, ou pelo menos onde ella tem tomado um incremento prodigioso, é sublime. São as mulheres mais appetitosas, mais provocantes, mais luxuriosas, mais sensuaes, mais cheias de fogo e luz nos seios da alma, e no olhar que deslumbra, mais aptas para accender as flammas da lascivia delirante. São na maxima parte escravas, ainda que ha muitas senhoras e ricas; mas as mesmas escravas vivem numa plana superior ás negras e ás creoulas. E não julgues que a mulata do Brazil não tenha toda a delicadeza e aristocracia das formas do corpo da mulher branca a mais perfeita; tem, e ás vezes, e muitas vezes, ainda mais delicadas, mais elegantes, mais correctas, e mais sympathicas. Infelizmente são pela maior parte votadas aos prazeres da carne, apenas saem do berço, porque não podem conter o fogo, que as queima, e que as devora, ainda na primavera dos annos.

E depois esta natureza é luxuriosissima, e fogosissima; eu algumas vezes imagino, que todo o continente da America foi arrojado das entranhas do grande oceano por algum vulcão submarino immenso; cuido que não existia no principio da formação do globo; este solo é excepcional no calor, na seiva, e na fertilidade, e na vegetação, e em tudo. Que magestosa e extraordinaria vegetação! As florestas penduram-se desde o cume dos mais altos montes até à raiz dos valles, e até ás faldas das planicies, e até ás bordas dos mares! Não ha um ponto de terra por mais elevado e queimado d'este sol tropical, que não esteja coberto de arvoredos sempre verdes e viçosos! E que arvores, Luiz que elegantissimas e formosissimas arvores!

Imagina que vaes dar comigo um passeio até á praia de Bota-fogo, um dos arrabaldes mais pitorescos do Rio, e um dos sitios mais encantadores do mundo. Vês por todos os lados chacaras lindissimas, semeadas em campos de esmeralda, ladeadas ao longe de môrros de perpetua verdura, beijadas pelas aguas azues do oceano, e como que emmolduradas pelos arabescos preciosos d'uma vegetação indescriptivel. Que mãos de fada architectaram aquellas casas campestres, que fulgem num oasis de arvores florentes, e que parecem desenhadas na tela de seda verde de um quadro de phantesia para adorno de uma sala luxuosa de principes! Não exagéro; não posso descrever-te o que aquillo é; deslumbra e extasia; afigura-se a quem vê, que assim é que devia necessariamente de ser, nem mais nem menos, o paraiso da Biblia.

E que soberbos palacetes de campo! O do Barão de Nova-Friburgo, custou-lhe uns dois mil contos, casa e jardim! Ha por aqui d'estes Barões, que, vendendo café, gastam depois dois mil contos em levantar uma casa de campo e em adornar um jardim. Felizes Barões, mercieiros, cafezeiros, negreiros, ou bacalhoeiros, que assim comprehendem a utilidade do ouro!

Os arrabaldes do Rio são d'uma belleza surprehendente. Esta cidade vae-se alargando pelo meio das campinas e môrros de verdura, de modo que a maior parte d'ella está sendo uma cidade campestre; o centro, o foco commercial, é que ainda se aperta á beira mar, em ruas enormes, mas estreitas para o seu espantoso movimento; mas depois abre os braços para descançar do bulicio e afan do trabalho, e estende-se deliciosamente entre bosques de flores e arvoredos, pelas collinas de St.ª Thereza, da Gloria, praia de Bota-fogo, d'um lado, e Paula-Matos, Riachuelo, Campo grande, Cidade nova, e S. Christovam, do outro lado, percorrendo assim uma extensão de muitas leguas: do outro lado da bahia tem então lindissimas povoações, como Nitheroi, Paquetá, Jurujuba, Petropolis, etc.

Nitheroi tem os foros de cidade imperial, e é uma bonita cidade; mas o que é realmente encantador, é a pequena ilha de Paquetá. Está mesmo collocada no meio da bahia, e terá umas tres leguas de circumferencia. D'alli avista-se na extrema da bahia a esplendida serra dos Orgãos, assim chamada, porque é uma serie de altissimas montanhas, que pela grandeza descommunal e pela distancia parecem terminar em ponta aguda, como pyramides, ou como canudos de orgão monstruoso, que fosse collocado alli por mãos de gigantes para erguerem uma hosanna ao infinito d'aquelle oceano, d'aquellas serranias, d'aquelle céo, e d'aquellas florestas!

Para Paquetá, como para Nitheroi, como para Petropolis ha barcos a vapor todos os dias, e é um passeio delicioso; ha pouco ainda iam barcos e barcos a vapor cheios d'esta alegre gente do Rio de Janeiro, que ia passar o domingo á romaria de S. Roque de Paquetá. Estava um dia formosissimo. Reuniram-se umas oito ou dez philarmonicas, quasi todas de associações particulares, no arraial da festa. Com as suas diversas bandeiras, com os seus diversos uniformes, formavam, disseminadas por toda a extensão do terreiro, um matiz agradavel, sendo além d'isso supportaveis, como musicas.

Este povo do Rio de Janeiro é o povo mais folgazão, mais enthusiasta, e mais sympathico, que eu conheço. Que differença entre elle e o povo moribundo do nosso paiz! Tu não imaginas como esta gente vive bem aqui. Não são só as altas classes da sociedade brazileira, são mesmo os negociantes de pequeno trafego, os artifices, os pobres, o povo, que vive melhor, e que passa melhor, e que gosa mais, do que a nossa burguezia, do que a nossa gente da classe média, do que talvez mesmo os nossos homens ricos. A mesa é em geral, e para todas as classes, boa e abundantissima; a sala de jantar nunca se fecha a amigos, a conhecidos, a simples conhecidos e a indifferentes; a franqueza, a hospitalidade, e este obsequiar despretencioso e chão, que nem sequer por sombras acorda a ideia de dependencia, é um dos caracteres mais admiraveis d'este povo, que nasceu hontem, mas que nasceu gigante nas grandezas da alma e do coração, que está cheio de vida e de futuro, e que ha de ser, se já o não é, um dos primeiros do mundo. Aqui abrem se com fraternal solicitude os braços a todos os que soffrem; aqui sim que ha a franca, a patriarchal hospitalidade, de que nos fallam os livros santos a respeito do povo de Deus. Os estabelecimentos humanitarios, hospitaes, ordens ou institutos de caridade, monte-pios, caixas de soccorros, pullulam de todos os lados, e crescem, e enriquecem-se, e avigoram-se d'um modo milagroso. Ainda ha pouco fundou a colonia portugueza o seu hospital de S. João de Deus; houve dois homens especialmente, — o visconde da Estrella e o visconde de S. Mamede, que lhe deram impulso; hoje é um edificio sumptuosissimo, verdadeiramente notavel pela elegancia e riqueza da construcção, pela escolha hygienica e formosissima do local, pela amplidão e magnificencia dos jardins e salas, com um vestibulo e frontaria admiraveis: lá está na sala de recepção o melhor retrato, que eu tenho visto do nosso Pedro V, rei, que foi aqui mais amado e mais honrado na sua morte ainda, do que em Portugal.

Quando se soube aqui da morte d'elle, segundo me contaram, fecharam se todas as casas de commercio do Rio, de todas as nacionalidades, sem excepção d'uma só. Parecia que esta grande cidade sentia, toda ella, a enorme perda que nós soffremos com a morte do rei consciencioso e justo. Commoveu-me isto, e espantou-me, não porque eu sympathisasse muito com a indole e genio do Pedro V, mas porque significava a immensa influencia da colonia portugueza aqui, e ao mesmo tempo um subido amor da patria. A caixa de soccorros Pedro V — fundada aqui depois da sua morte, já hoje conta muitas centenas de contos de capital, e já estende a aza beneficente a muitos necessitados.

D'esta longa, mas verdadeira e pallida, exposição das excellencias do Rio de Janeiro e do Brazil, deprehenderás naturalmente que estou satisfeito, e que tarde voltarei ás terras da patria. E' verdade. Tarde voltarei lá, se voltar.

....

Guimarães Fonseca.

A VIAGEM DO DESCOBRIMENTO

Como o leitor pode examinar logo á primeira vista no mappa que publicamos esta celebre viagem do descobrimento do Brazil é uma longa navegação que assombra pelo arrojo e ainda mais quando conhecida em todas as suas minudencias. Não é intuito nosso recontal-as agora, n'este logar, mas aos nossos leitores indicamos a formosa narrativa que, fundada a parte principal sobre a interessantissima carta do escrivão da frota Pero Vaz de Caminha, se encontra publicada no ultimo volume d'esta revista e ultimamente se colleccionou em elegante livrinho.

Para aquelles que não tiverem ensejo de lêr tão genuina e pittoresca descripção vamos aqui enumerar, em rapidissimo relance, os topicos geraes d'essa immensa navegação que tanto brilho deu ao nome portuguez,

Escolhido Pedro Alvares Cabral por D. Manoel para ir á India, logo em seguida ao regresso de Vasco da Gama da sua primeira viagem, aprestou-se uma poderosa frota, cujo commando pertenceu áquelle illustre fidalgo, e cuja missão ao Oriente era difficil e trabalhosa.

Foi para o dia 8 de março de 1500, a um domingo, que se fixou a partida da frota, a qual tinha por segundo commandante a Sancho de Toar e por capitães a Simão de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Vasco de Athayde, Nicolau Coelho, Bartholomeu Dias, Diogo Dias, Nuno Leitão, Luiz Pires, e Simão de Padua.. Gaspar de Lemos commandava o navio transporte.

Na manhã d'aquelle dia celebrou-se missa pontifical na capella do Rastello, erecta pelo infante D. Henrique, votada a Nossa Senhora de Belem, e doada a alguns freires do convento de Thomar, que ali deviam administrar aos navegantes, especialmente em occasiões como esta, os sacramentos da Egreja.

Teve a ceremonia todo o brilhantismo, excedendo até á propria despedida de Vasco da Gama. Assistiu D. Manoel ao serviço divino e, para honrar o chefe da frota, fel-o sentar junto de si debaixo do docel.

O bispo de Ceuta D. Diogo Ortiz proferiu um sermão, cujo thema principal foi o elogio de Alvares Cabral. Ao concluir, tomou o estandarte de sobre o altar, onde o haviam collocado e, benzendo-o, entregou-o ao monarcha, que por suas mãos o deu a Pedro Alvares Cabral, pondo-lhe ao mesmo tempo na cabeça um barrete benzido pelo papa.

Desfraldou-se a bandeira e todos seguiram para a praia, em procissão, com cruzes alçadas e reliquias.

Acompanhou o soberano a Alvares Cabral até á beira do rio e ahi o abençoou e se despediu dos officiaes da frota, que em seguida lhe beijaram a mão, embarcando ao troar da uma salva de artilheria da armada.

Não poude, comtudo, sahir n'aquelle dia a expedição por se ter tornado o vento ponteiro, mas no dia seguinte fez-se de véla, abandonando

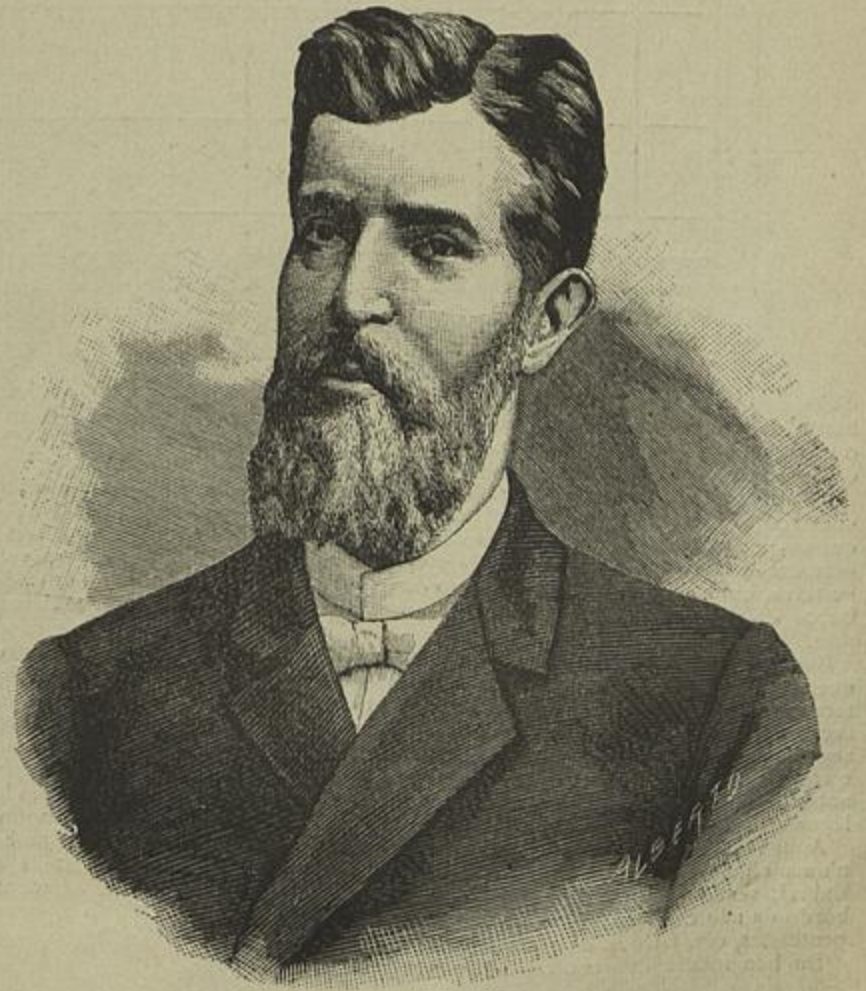
Centenario do Descobrimento do Brazil

CAMPOS SALLES
Actual Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil

MONUMENTO A D. PEDRO I, NO RIO DE JANEIRO

Centenario do Descobrimento do Brazil

MARECHAL DEODORO DA FONSECA — Primeiro Presidente da Republica

FLORIANO PEIXOTO — Segundo Presidente da Republica

DR. PRUDENTE DE MORAES — Terceiro Presidente da Republica

o Tejo. No sabbado seguinte estava a frota na altura das Canarias, e no domingo 22 do mesmo mez chegava a Cabo Verde. Aqui se perdeu a náu de Luiz Pires de que nunca houve mais noticias.

Em terça feira 21 de Abril, depois de muito navegar, encontraram os navios de Cabral alguns signaes de terra. Diz Caminha: «Estavamos então, segundo o calculo dos pilotos, a umas 660 ou 700 legoas distante da mencionada ilha de S. Nicolau. Consistiam esses signaes evidentes de proximidade de terra na muita quantidade d'ervas compridas que boiavam sobre as aguas, a que chamamos *botelho*, e tambem n'umas outras de nome *rabo d'asno*.

«Na quarta feira seguinte pela manhã vimos umas aves a que chamam *fura-buchos* e n'esse dia, ao cair da tarde, divisámos terra. O que primeiro vimos foi um grande montão muito alto e redondo e outras terras mais baixas ao sul d'elle, ás quaes se seguiam umas terras chãs cobertas de grande arvoredo. Ao alto poz o capitão o nome de *Monte Paschoal* e á terra a designação de *Terra de Santa Cruz*.»

Na quinta feira pela manhã seguiu a armada com rumo direito á terra, levando os navios pequenos adiante, navegando com um fundo entre dezesete e nove braças até perto de meia legoa, de terra, onde todos lançáram ferro ao direito da bocca do rio, onde acudiram alguns dos naturaes.

Não sendo bom o abrigo, por causa do vento que se levantou, foi a frota navegando pela costa fora umas dez legoas, até que se encontrou um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma larga entrada, onde se metteram e amainaram. As nãos arribaram alli e, um pouco antes do pôr do sol, fundearam á distancia d'uma legoa e ancoraram a onze braças.

Aqui se tomaram dois selvagens que andavam n'uma almadia e se conduziram á presença de Cabral, sendo muito observados e admirados a bordo da não capitana, pela curiosidade dos seus penteados, côr, feições, e perfeição de corpo.

Da boa indole dos naturaes da nova terra é prova a maneira como se comportaram todos aquelles que entretanto se foram juntando mais, e os que mais tarde prestaram do melhor grado o seu auxilio aos navegantes, ajudando-os no transporte da agua e lenha, etc.

Em domingo de Paschoela, a 26 de abril, celebrou-se no novo territorio a primeira missa. Esse acto já de si solemnissimo redobrou, se possivel é n'essas circumstancias, de solemnidade. Debaixo de um toldo se levantou um altar, celebrando o santo sacrificio frei Henrique, que depois prégou sobre o Evangelho e achamento d'aquellas novas terras. A este acto assistiram, com todo o respeito, grande numero de selvagens, entre elles duas mulheres.

Em 1 de maio seguinte, a uma sexta feira, se arvorou em terra uma grande cruz de madeira, como signal da posse tomada pela corôa portugueza. O logar escolhido foi um pouco ao sul do rio, e n'um ponto alto para que se visse bem. Na manhã de 2 de maio levantaram ancoras os navios, e, deixando as Terras de Santa Cruz. fez-se a frota de véla em direcção á India, seu primitivo destino, e onde Cabral ia estabelecer em bases seguras o nascente commercio portuguez e affirmar o prestigio das bandeiras das quinas.

Não seguiremos a armada até ao regresso de Cabral ao reino, para voltarmos com Gaspar de Lemos, o qual foi enviado a D. Manoel para lhe dar a fausta noticia. Deslumbrado com a India, o monarcha venturoso não avaliou perfeitamente o grande descobrimento, e Pedro Alvares, e embora na sua volta triumphante fosse recebido com extremos de alegria, não mereceu o justo apreço dos seus feitos, nem o seu descobrimento foi considerado como era de justiça.

Descoberto propositadamente ou por acaso, questão esta aberta ainda á discussão, o Brazil constitue para a memoria de Cabral o seu titulo de gloria, e elle o vinga brilhantemente de todas as injustiças da sorte e da historia, commemorando agora condignamente o seu quarto centenario.

E. P.

AS LENDAS DOS CENTENARIOS

Foi assim que Lopes de Mendonça intitulou a excellente conferencia que em 16 de abril corrente fez na Associação dos Jornalistas.

Ao distincto homem de letras, que á historia patria tem ido buscar os assumptos de seus melhores dramas e romances, dão a mais indiscutivel auctoridade, os seus galões de official da armada portugueza e a escolha que pelo governo foi feita do seu nome para auctor da historia da nossa marinha, da qual varios capitulos se acham já publicados.

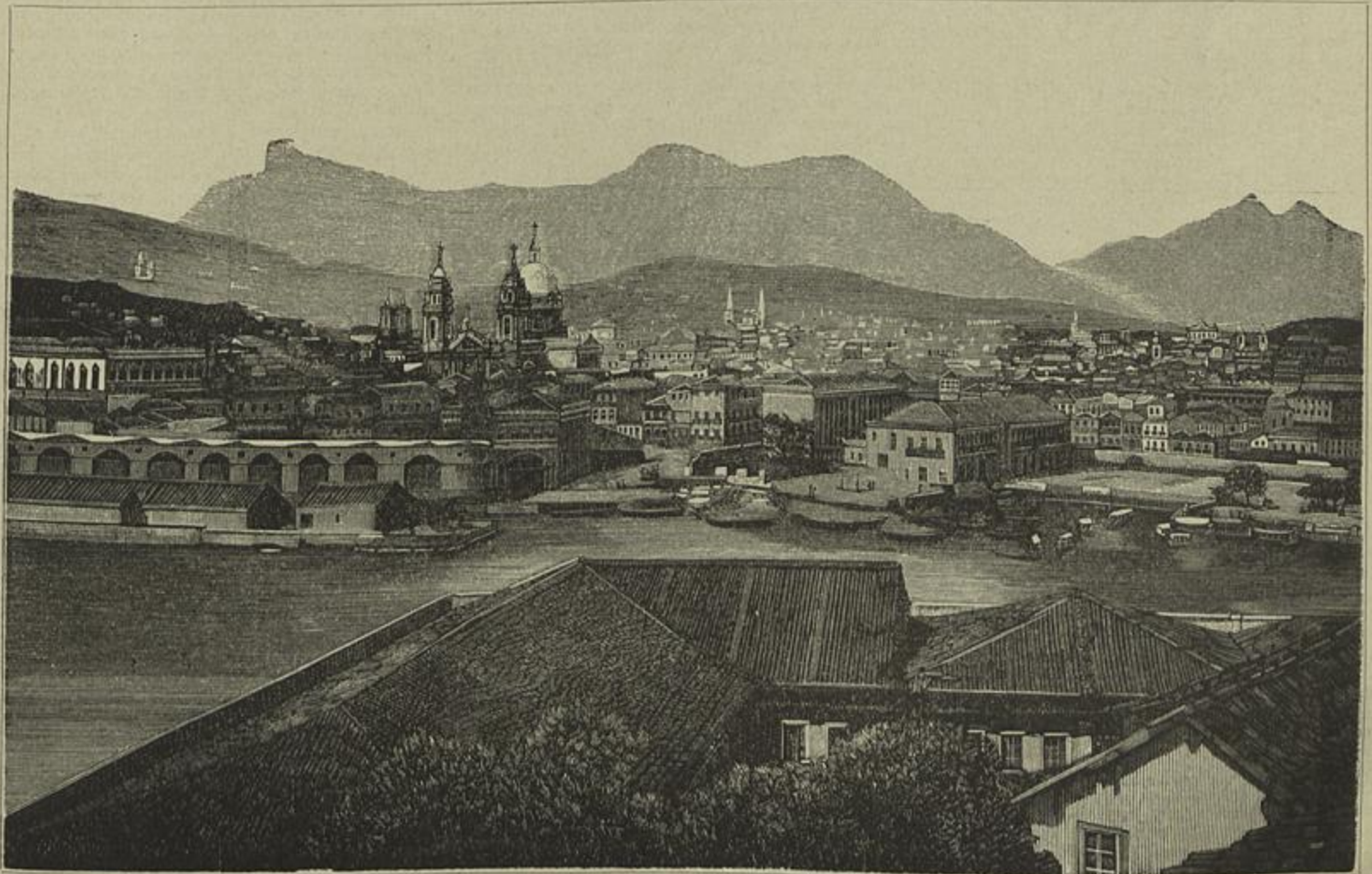
Quando dos centenarios dos descobrimentos da America por Christovam Colombo e do caminho da India por Vasco da Gama, publicou Lopes de Mendonça uma formosa parte dos seus estudos, em que bem se revelaram seus profundos conhecimentos sobre a historia da navegação, seu enthusiastico amor ás glorias portuguezas e seu desejo de pôr em plena luz alguns d'esses heroes a quem a fortuna menos bafejou na vida e ainda a posteridade não fez toda a justiça.

De acordo com Lopes de Mendonça sobre a primasia de Bartholomeu Dias nas glorias dos descobrimentos dos portuguezes até findar o seculo XVI, se mostrou o sr. Theophilo Braga na conferencia que realisou nas salas do Atheneu Commercial de Lisboa, exaltando a heroicidade do que primeiro dobrou o Cabo das Tormentas e de quem Lopes de Mendonça disse: «Eu não sei de personagem algum historico que mais dolorosamente synthetise, durante uma vida de sacrificio e ainda durante os seguintes seculos de immortalidade, este tenebroso azar, que é o caracteristico de certas individualidades, do que o misero grande homem que se chamou Bartholomeu Dias.»

Mas, como ainda disse o sr. Theophilo Braga, aos centenarios deve-se o grande beneficio de pôrem em evidencia as altas individualidades no tribunal da opinião.

Manuel de Arriaga, que fez uso da palavra em seguida ao erudito professor do Curso Superior de Letras, a proposito da commemoração do fa-

Centenario do Descobrimento do Brazil

CIDADE DO RIO DE JANEIRO — O MONTE DA GLORIA

UMA VISTA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, CAPITAL FEDERAL

cto grandioso que hoje alvoroça ao mesmo tempo os dois povos irmãos, de Portugal e Brazil, notou eloquentemente: «D'antes um povo elevava-se humilhando o outro; hoje dá-se o inverso: uma nação engrandece a outra, glorificando-a.»

A celebração do centenario do descobrimento do Brazil tem portanto mais que uma justificação, attinge mais do que um fim benefico e grandioso: chama toda a luz para os maiores vultos da nossa historia patria, que são dos maiores da historia humana, e estreita ainda mais os laços, que, sob uma aureola refulgente, unem, ha muito, dois povos irmãos.

Mas um problema carecia ainda de solução, embora todas as probabilidades fossem favoraveis áquella que mais gloriosa deveria tornar a fama dos celebrados navegadores.

Documentos, ultimamente discutidos com luminoso criterio, não deixam duvidosa a resposta á interrogação tantas vezes formulada: Foi premeditado o descobrimento do Brazil ou devido a mero acaso de ventos e correntes?

Lopes de Mendonça na sua conferencia, que muitos outros pontos recommendam á attenção, demorou-se especialmente sobre este, deduzindo a sua conclusão de premissas historicamente e com eloquencia demonstradas.

Lê-se nas instrucções encontradas e publicadas por Varnhagen que a partir de S. Thiago deviam as náos sempre ir na volta do mar, sempre guinando sobre a banda de sudoeste, até metterem o Cabo da Boa Esperança em leste franco. Era inspiração do proprio Vasco da Gama.

Ora como muito bem notou o distincto conferente, seguindo-se á risca todas aquellas instrucções, era certo que havia a armada de aproar a algumas das terras, de cuja existencia não duvidavam o monarcha venturoso, nem o sabio cosmographo Duarte Pacheco, um dos companheiros de Alvares Cabral.

Diz uma lenda que um temporal levára a armada muito mais para o occidente do que era a rota anteriormente determinada; mas Lopes de Mendonça nota, e com razão, que nenhum dos documentos authenticos, que nos restam d'essa viagem, se refere a tão providencial tempestade.

Porque motivo tamanho segredo? Razões politicas, que a historia ha muito discute e de todos são conhecidas obrigaram El rei D. Manuel ao sigillo das suas tenções, tão bem guardado que ao proprio Cabral o não disse provavelmente.

Toda essa historia gloriosa e interessante foi assumpto da magnifica conferencia realisada por Lopes de Mendonça, espirito culto, illustrado, patriota ardente, a quem a Academia Real das Sciencias, ha poucos dias, nomeou seu socio effectivo.

J. C.

SALVÉ BRAZIL

«A lingua que se falla é a portugueza, mais ou menos adulterada. Nunca tive de aprender outra.»

Padre Senna Freitas.

(Oito annos nos sertões da America do Sul, ou o Brazil por dentro.)

Patria irmã da minha, eu te saúdo!

Venho á festa, não como desejo, mas como posso: ha pobreza de estylo na minha phrase e falta de conceitos significativos na minha mente.

Não quero porém permanecer silencioso n'este momento duplamente solemne para a nação brazileira, por isso que na qualidade de portuguez não desconheço o quanto o meu paiz deve ao Brazil e não ignoro tambem que o povo d'aquellas regiões de além do Atlantico, está ligado por laços de sangue e por amizade profunda á terra em que viu luz de existencia o homem que lhe deu a elle luz de autonomia.

Desde o anno da descoberta, no seculo XV, até ao anno da declaração da independencia, no seculo actual, constituimos um só estado e creámos affectos reciprocos que não podem obliterar-se jámais.

Ao tempo da celebre declaração nas margens do Ipiranga, no dia 7 de setembro de 1822, ficou um irmão emancipado a testemunhar de Portugal perante o mundo e a valêr ao seu mais velho nas horas de provação.

Saúdo-te, Brazil! n'estas letras da tua divisa «Independencia ou morte» — eu vejo uma synthese brilhantissima para a tua historia, um padrão glorioso do teu destino e uma aurora deslumbrante na tua virilidade.

Sempre que tenho a dita de encontrar brazileiros, aproveito o ensejo feliz para manifestar-lhes quanto é grato ao meu coração que se haja consummado na hora famosa do citado mez de setembro o sonho de muitos e a aspiração legitima de muitissimos.

O homem sujeita-se á força brutal emquanto a não vence e a não esmaga; acceita imposições alheias extremas emquanto a sua dureza não ultrapassa as raias finaes do justo e equitativo; obedece ao mandato das leis emquanto não brigam com os principios da razão e as normas do direito: mas em todas as situações em que se encontra quer ser senhor de si mesmo, reage naturalmente contra todos os excessos que o assoberbam, busca realisar a consagração da sua liberdade e exprimir por factos positivos a authenticação da propria soberania.

É esta a caracteristica por excellencia que distingue a nossa especie e um titulo de nobreza demonstrando origem mais alta. Quem não sente assim, de duas uma: ou perdeu inteiramente a noção da dignidade humana, ou ainda está longe dos dominios da civilisação!

Saúdo-te, pois, Brazil independente! saúdo-te sem reservas, saúdo-te com todas as véras da minha alma e com todo o enthusiasmo sincero de que me acho possuido!

Acendra-te cada vez mais no esforço do progresso; acrisola-te cada vez mais na idéa da patria; unifica-te e vigóra-te cada vez mais no culto da bandeira nacional e no respeito da ordem!

Tudo isto constitue o pedestal diamantino em que assenta a verdadeira grandeza dos povos, e são estas as coisas indispensaveis á pureza e consolidação das instituições sociaes.

Caminha para a frente armado com semelhante arsenal poderosissimo e infallivel no aprumo perfeito: não ha artilheria que valha pela harmonia das vontades nem exercitos numerosos que substituam com vantagem o interesse amoravel symbolisado no apêgo ao solo natal!

Não esqueça o Brazil, quando tiver celebrado a apothéose triumphal centenaria, o papel conciliador que lhe cabe no viver interno, e a missão de paz educativa que lhe é util e necessario manter no meio politico americano. O brio nacional só é conducente ao bem e o civismo das collectividades só é perduravel, ministrando-lhes alimento a licção eloquente da legalidade e edificando-os no exemplo a logica irreprehensivel da governação

Faço estes votos pelo Brazil, pela patria irmã da minha!

Oxalá que um sol sem nuvens disparta incessantemente raios vivificantes sobre as suas terras fertilissimas e illumine e levante para as emprezas civilisadoras do progresso a sua população laboriosa e honrada! E ao affirmar estes anhelos do meu espirito relativamente aos brazileiros, não perco de vista o solo portuguez, cantinho da Europa em que fui embalado no berço e ponto do mundo de onde partiram navegadores que abriram o Brazil aos annunciadores da boa-nova e á cruz do judeu divino, em nome do qual se hão quebrado as gargalheiras do escravo!

D. Francisco de Noronha.

OS LUSOS

HEROES DO MAR

A grandiosa epopeia maritima portugueza que, desde o começo do seculo XV até meados do seculo XVI, se desenrola ante os olhos atonitos do mundo assombrado, não tem rival no grande livro da historia maritimo-militar das nações.

Tantos descobrimentos, tantas victorias, a miraculosa descoberta do caminho para as indias orientaes, a descoberta do Brazil, a completa conquista das terras de Santa Cruz, a destruição dos tamoios e a fundação da cidade de S. Sebastião por Salvador Correia de Sá, eclipsou a gloria das mais famosas republicas e dos maiores imperios causando ciumes á opulenta Veneza e á soberba Genova, que, n'um momento, viram perdido o seu commercio com o Levante, extincto o seu prestigio no mediterraneo e anniquilado todo o valor das suas poderosas armadas.

Constantinopla e Alexandria sentem o golpe de morte dado no seu commercio maritimo, e Portugal, pela espada e pela cruz, pelo astrolabio e pela diplomacia, torna-se o mais potente estado da Europa. Apodera-se de Malaca, onde ha o celebrado monte Ophir, fecha os golphos Persico e Arabico, conquista os melhores portos da Asia, toma as melhores regiões da Africa, vae até á America onde adquire um vasto continente e faz-se senhor absoluto n'um e n'outro hemispherio.

Para cumulo da sua gloria o maior dos poetas epicos — portuguez de nascença — canta em 1570 os feitos dos lusitanos, offerecendo-o manuscripto ao seu rei e senhor, que lhe permitte a sua publicação em 1572.

Luiz de Camões conta nas suas estrophes, inspiradas pelo fogo santo e inextinguivel do amor patrio, e *não movido do premio vil*, as heroicas acções dos lusos e, diz elle:

Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte

. . . . os barões assignalados
Que da occidental praia lusitana
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda alem da Taprobana

Canto:

Os que: *em perigos e guerras esforçados*
Mais do que permittia a força humana
Entre gente remota edificáram
Novo Reino que tanto sublimáram.

Canto:

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles Reis que foram dilatando
A Fé, o Imperio...

Canto:

E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando

Canto:

O peito illustre lusitano
A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Diz, que a este respeito:

Cesse tudo quanto a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se levanta.

E com effeito se Homero celebrou na sua *Iliada* a colera de Achilles, e a guerra de Troia, e na sua *Odysséa* cantou as aventuras de Ulysses; se o poeta mantuano, Virgilio Maro, celebrisou as façanhas de Enéas no seu poema *Eneida*, Camões fez mais do que todos elles e cantou um povo guerreiro e maritimo, conseguindo illuminar o mundo civilisado com as estancias brilhantes e suavissimas do seu estro prodigioso e inspirar o respeito e admiração por tão extraordinarios feitos *superiores á propria força humana.* [1]

Os lusos excederam tudo que a antiga Musa canta e o poema *Os Lusiadas* eclypsou a *Pharsalia* de Lucam, excedeu a *Guerra punica* de Silio Italico, ultrapassou Valerio Flaco nos seus *Argonautas*, e deixou no escuro a *Italia libertada* de Trissino.

Claro está que não falamos nos célebres poemas de Torquato Tasso e Milton e na *Henriade* de Voltaire, que vieram depois. A forma de Dante e Ariosto, poetas anteriores a Camões, é muito outra.

Entretanto devemos dizer que o poema dos *Lusiadas* é digno do povo que o inspirou. Se os lusos acháram em tão sublime cantor estylo tão grandiloquo, estrophes tão levantadas para lhes celebrar as suas façanhas, é porque esses grandiosos feitos não podiam ser excedidos por povo algum nem antigo nem moderno. Os *Lusiadas* só um Camões o podia escrever e só um povo como o portuguez o podia inspirar.

Povo de heroes que sulcando os mares nunca d'antes navegados teve á sua frente a animal-o, a conduzil-o homens taes como o preclarissimo infante D. Henrique, Gil Eannes, Bartholomeu Perestrello, João Gonçalves Zarco, Gonçalo Velho Cabral, Luiz Cadamosto, Nuno Tristão, Diogo

---

[1] Na vangloria de descobrir erros nos *Lusiadas*, na ancia de morder os versos de Camões, d'esse homem de phenomenal engenho e arte, d'esse poeta, o maior entre os grandes, prodigio que só vem ao mundo de muitos em muitos seculos de distancia, suppõem alguns jactaciosos que prestam um serviço ás lettras, quando, pelo contrario deveriam ter sido severamente castigados pelo sacrilegio, porque, a meu ver, o poema épico de Luiz de Camões é a nossa grande epopeia nacional, uma especie de livro sagrado da nação portugueza, no qual não se deve bolir senão com muito respeito e muita sciencia.

Pois alguns tem chegado até ao arrojo estulto de emendarem o titulo do poema em *A Lusiada*, sem perceberem que nos *Lusiadas* Camões cantou as glorias, os feitos dos lusos. Se elle pretendesse cantar as acções singulares d'um heroe como Vasco da Gama, Affonso d'Albuquerque etc., não teria empregado o plural no titulo do seu poema. Homero, Virgilio, Voltaire deram aos seus poemas o titulo em singular com a *Iliada*, a *Eneida*, a *Henriade* etc.

É pois um grande erro dar aos *Lusiadas* o titulo de *A Lusiada* como se vê nas edições portuguezas de 1731, 1808, 1880 (*Porto-Leipzig*) bem como n'algumas das edições hespanholas e francezas.

Cam, Pero d'Alemquer, Bartholomeu Dias, o maritimo da mais fulgente gloria, e que, pela sua descoberta traçou o caminho para a India Oriental, João Peres da Covilhã, Vasco da Gama, o glorioso descobridor das indias orientaes, Pedro Alvares Cabral, talvez o homem mais audacioso e o mais sabio de todos elles... Povo de heroes, d'esses *em quem poder não teve a morte* e dos quaes por muito que se diga sempre fica muito por dizer.

Foi em 1412, sobre a poderosa influencia do immortal filho d'el-rei D. João I, o glorioso infante D. Henrique, o *Navegador*, que os primeiros navios portuguezes começáram a costear as terras da Africa Occidental. Havia então o preconceito terrivel, que affrouxava as vontades mais energicas e entibiava os espiritos mais audazes. Esse preconceito era da lenda que corria: «*quem passar o cabo Não ou voltará ou não*».

O infante quiz destruir esse prejuizo arreigado na lusa gente maritima e ordenou que não só se dobrasse esse cabo, que tão temeroso receio impercutia, mas que, podendo ser, se passasse ainda alem.

Munida d'essa incumbencia mandou uma caravella que a 28° 30' de latitude e 6°, 59' de longitude conseguiu passar o cabo, desfazendo assim a lenda.

O Cabo Bojador levantava-se formidavel, como para impedir as arrojadas tentativas dos domadores do mar. Suppunha-se tarefa superior ás forças humanas e não havia um navegante que se aventurasse a tal commettimento—portuguez que elle fosse!

Pois o infante não se arreceou da tentativa, procurou o navegador, achou-o entre os seus — os da sua escóla—e lá o mandou por esses mares fóra. A historia não regista o nome d'esse impavido maritimo, diz apenas que o Cabo Bojador foi descoberto, mas que nenhuma das embarcações ousou dobral-o, receando amarar-se tanto, que na volta não podesse tomar a costa do Algarve, pois que ainda ninguem se arriscava a perder a terra de vista e aquelle cabo sahia mais de cincoenta legoas para o occidente do cabo de Espartel. [1]

Em 1433 Gil Eannes consegue dobrar o suspirado cabo, o que produziu tão grande alvoroço no animo do preclaro principe que não se deteve em premiar com honras e mercês, não só o descobridor mas toda a gente da sua comitiva. [2]

N'esse anno deu-se a infausta morte do grande rei D. João I, grande pelos seus actos e grande pelos seus filhos.

Nos reinados de D. Duarte e D. Affonso V foram-se continuando os descobrimentos porque n'isso ia alem da conveniencia do alargamento do commercio africano, o saber-se até onde chegava o poder dos mouros e o descortinar-se o sitio onde estava governando o famoso Prestes João, que possuia o mais vasto imperio christão e portanto ser elle soberano um dos mais potentes auxiliares para a conquista de toda a Africa mauritania.

Havia se tomado Ceuta, conquistou-se Alcacer-Ceguer e Arzila, obteve-se Tanger depois da desgraçada jornada em que ficou captivo o infante D. Fernando; cumpria estender essas conquistas ao interior de toda a Africa costeira do Mediterraneo.

Em 1460 deu-se o lamentavel fallecimento do infante D. Henrique, fundador do observatorio de Sagres e iniciador das viagens maritimas dos portuguezes.

Portugal já a esse tempo contava importantes descobertas, graças á feliz tentativa da dobragem do Cabo Bojador. Em 1440 Nuno Tristão havia descoberto o Cabo Branco, em 1442 Antonio Gonçalves a ilha d'Arguiu, em 1443 Diniz Fernandes descobriu o Cabo-Verde, em 1444 Gonçalo Velho Cabral os Açores, em 1446 Luiz Cadamosto, completou o descobrimento do rio Gambia e parte das ilhas de Cabo Verde, e em 1449 Soeiro Mendes levantou o forte d'Arguiu, a primeira fortaleza construida pelos portuguezes na Africa.

Depois da morte do infante as expedições maritimas não deixaram de se continuar. Concluiu-se o descobrimeto dos Açores e de tantos outros que levaram o nome do nauta portuguez aos confins do mundo e o fizeram temido e respeitado.

Mas, sendo tudo isto muito ainda não era tudo. Havia subido ao throno D. João II e logo no começo d'este reinado Diogo Cam attinge a embocadura do Zaire, que mais tarde tomou o nome de Congo.

Pensou se então na empreza da descoberta do caminho maritimo para as Indias orientaes. O rei ordenou que em vez da Cruz de pau, que o tempo destruia ou os exploradores arrancavam, se collocasse nas terras que se fossem descobrindo uns marcos de pedra—a que se deu o nome de *padrões*. Esses marcos seriam encimados pela Cruz de Christo e teriam o nome do soberano, o do descobridor, a data do anno da descoberta e as armas reaes portuguezas.

Com esta sabia disposição coincidia o invento do astrolabio que permittia aos navios affastarem-se da costa, e já n'esse sentido Diogo Cam havia feito a sua viagem, na qual, como acabámos de ver, foi descoberto o Congo, e no anno seguinte (1486) Angola e Benguella.

Em 1487, Bartholomeu Dias, dobrando o extremo sul da Africa, depara com o famoso Cabo das Tormentas, descoberta maravilhosa, que promette o descobrimento da India e vence a empreza de setenta e cinco annos de trabalho.

D. João II, ebrio d'alegria ao saber tal nova, faz mudar a denominação tetrica de *Cabo das Tormentas* na auspiciosa de *Cabo da Boa Esperança*.

Estava assim traçado o caminho para a India.

Oito annos depois deixava de existir tão esclarecido rei, succedendo-lhe D. Manuel, rei faustoso, sempre bafejado amoravelmente pela deusa Fortuna, sempre tão lealmente servido, e a quem Vasco da Gama deu os inhauriveis thesouros das Indias Orientaes, Pedro Alvares Cabral as naus carregadas de riquezas do Brazil e Affonso d'Albuquerque as suas assombrosas conquistas, bem dignas dos Annibaes, Scipiões e do proprio Alexandre Magno.

Não falaremos d'esses feitos grandiosos nem dos de Vasco da Gama, tão celebrados nas estancias dos *Lusiadas* e narrados tão fielmente pelos nossos classicos. Quiloa, Mombaça, Melinde, Calicut, Ormuz, Goa, o Malabar, Malaca, as ilhas de Sonda, são os pontos onde mais poderosamente se reflecte a energia de tão extraordinarios varões.

Pedro Alvares Cabral era tido então como grande tactico no assumpto de combates navaes e como um dos mais sabios cosmographos Tinha a fama de arrojado e energico. D. Manuel não desconhecia estes predicados, e pensando, logo depois do regresso de Vasco da Gama, em mandar uma grande força naval afim de dar aos povos descobertos uma idéa do grande poder de Portugal, lembrou-se de dar o commando d'essa expedição a Alvares Cabral. [1]

Dizem outros que foi Vasco da Gama quem o indigitou, bem como aconselhára Cabral a que se affastasse o mais possivel da costa para o occidente afim de melhor dobrar o tormentoso cabo.

Seja como fôr, o positivo é que se aprestáram treze navios para tão arrojada empreza, dando-se á esquadra provisões para dezoito mezes de viagem e o commando em chefe a Pedro Alvares Cabral. Os outros commandantes eram Sancho de Tovar (immediato a Alvares Cabral) Simão de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Vasco de Ataide, Nicolau Coelho, Bartholomeu Dias e Diogo Dias, seu irmão, Nunes Leitão, Luiz Pires, Simão Pina e Gaspar de Lemos.

Alvares Cabral levava instrucções d'el-rei: procurar obter a estima do rei de Calicut e persuadil-o a construir um forte na sua capital; tocar em Melinde e entregar ao rei os presentes que para elle levava; Bartholomeu Dias e seu irmão iriam a Sofala, o paiz do ouro, afim de ali negociarem mercadorias portuguezas a troco do precioso metal.

Alvares Cabral ou fosse por motivo de tempestade ou para se desviar das calmarias da Guiné, ou ainda para seguir o conselho de Vasco da Gama, o que não está averiguado, desviou-se cerca de 450 leguas ao Occidente da Africa, e, n'esse desvio providencial, soprando vento rijo do SE e dando-se violentos aguaceiros correu ao longo da Costa para o norte achando, depois de dez legoas de viagem, uma abertura, no fim dos recifes, pela qual entraram os navios, fundeando ali a esquadra.

Foi isto no dia 22 de abril de 1500. Cabral deu a esse porto o nome de Porto Seguro. Mandou levantar na praia uma enorme Cruz de madeira com as armas reaes (outros dizem uma cruz de pedra, o que me parece mais verosimil) [1] e chamou a todo aquelle vasto continente *Terra da Santa Cruz*, nome que depois se mudou no de *Brazil*.

Foi no dia 2 de maio (Castanhede e Barros dizem ter sido no dia 9) que a Esquadra portugueza sahiu de Porto Seguro, sobrevindo então uma terrivel tempestade que fez sossobrar quatro dos navios, sendo um d'elles o do celebre Bartholomeu Dias, o famoso descobridor do Cabo da Boa Esperança, e cujo nome ficará eternamente indelevel em traços luminosissimos nos annaes da marinha portugueza.

Mas a epopéa ainda não estava concluida.

O animo dos descobridores portuguezes não affrouxou e os naufragios que se iam dando nas naus da carreira da India e a lucta começada a travar com os hollandezes, que então nos queriam tirar o dominio dos mares, mais serviram para lhes retemperar as forças, e afrontar os perigos e avigorar os animos.

Em 13 de dezembro de 1521 morre D. Manoel succedendo-lhe D. João, seu filho secundógenito que tomou o titulo de D. João III.

Foi por esse tempo que o esforçado e intrepido portuguez, Fernão de Magalhães, posto ao serviço de Castella, emprehendeu a primeira viagem á volta do mundo.

Os portuguezes fundam S. Thomé de Meliapor na costa de Coromandel, descobrem o archipelago das Molucas, a Nova Hollanda, a terra dos Papuas, são os primeiros a navegar pelo Tigre e pelo Euphrates, e exploram as costas do Brazil. Martim Affonso de Sousa começa a colonisar o Rio de Janeiro e o Rio da Prata.

Em dezembro de 1516 morre Affonso d'Albuquerque, esse grande homem que passou a sua vida *mal com os homens por causa d'el-rei, mal com el-rei por causa dos homens*.

Entra o memoravel anno de 1524 que dá a morte a Vasco da Gama e faz nascer Luiz de Camões. Pouco depois deixa d'existir Pedro Alvares Cabral, ficando no mais desgraçado olvido e na mais cruel das indifferenças quasi todas as particularidades da vida de tão assignalado varão!

E eis finda a epopéa. Com a morte d'estes tres grandes portuguezes surge Camões para lhes cantar os feitos gloriosos.

Eis começa o declinar do sol explendente de tantas glorias maritimas e militares, para, pouco a pouco, se ir abatendo o prestigio da bandeira portugueza até de todo se desvanecer nos plarios d'Alcacer-Kebir e pôr a gloriosa e refulgente corôa do povo lusitano na cabeça dos Philippes de Castella.

E foi tão immensa essa catastrophe, tão pungente, tão dolorosa, que nem mesmo em 1640, quando o luso peito acordou, e se sentiu palpitar, nem mesmo assim, quando os portuguezes adquiriram a restauração da sua patria houve quem lhes bradasse: *Avante!—o Mar é a tua vida, o Mar é o teu tumulo, o Mar é a tua gloria!*

Silva Pereira.

Medalha Commemorativa do IV centenario do descobrimento do Brazil

Mr. Julius Meili, cidadão suisso, residente em Lüvich, ha annos que se dedica apaixonadamente ao estudo e collecionação da numismatica portugueza e da brazileira. As suas brilhantes collecções, que comprehendem as mais altas raridades numismaticas, são bem conhecidas no circulo dos estudiosos por meio de publicações, com que o distincto numismata tem enriquecido as bibliothecas de particulares e as de diversos estabelecimentos litterarios e scientificos de Portugal e do Brazil. Primorosamente illustradas com belissimas estampas em phototipia, as quaes representam todos os exemplares contidos nas series numismaticas do medalheiro, por certo o mais completo e rico que hoje existe, Mr. Meili tem publicado as seguintes obras: *Die duf das kaiserreick brasilien hezüglichen medaillen, 1822 bis 1889*. Edição de 1890.

Portugiesische münzen. Varietäten und einige unedirte stücke. Edição de 1890.

---

[1] *Faria e Sousa*. Tomo I parte I.
[2] *Annaes Mar. Port.* Tomo I, pag. 80.

[1] Ignora-se a data da morte de Alvares Cabral.

Dizem os historiadores que Pedro Alvares Cabral era neto de Fernão Alvares Cabral, guarda-mór do infante D. Henrique.

Segundo eu calculo, Pedro Cabral nasceu dez ou quinze annos depois da morte do infante navegado, occorrida no anno de 1460, portanto ahi pelo anno de 1450, devendo ter em 1500 uns 45 a 50 annos de edade

«Tendo sido Pedro Alvares Cabral casado com D. Isabel de Castro, a qual depois da morte de seu marido foi camareira-mór da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel (nascida em 1527 e fallecida em 1545), segue-se que Alvares Cabral falleceu entre 1527 e 1545»—diz Garrett em a nota II do Canto terceiro do seu *Camões*.

Se falleceu em 1527 teria, pelos meus calculos, a bonita edade de 77 annos.

Mas ha quem o faça morto em *1520* com *53* annos de edade, o que não me parece possivel, pois que D. Manuel não iria confiar o commando d'uma tão grande frota, de tanta responsabilidade, a um rapaz de 33 annos, e sujeitar ás suas ordens homens taes como Bartholomeu Dias e outros.

[1] Vide *Annaes da Mar. Port.* por Ignacio da Costa Quintella, tomo I, pag. 253.

Centenario do descobrimento do Brazil

Die münzen der colonie brasilien, 1645 bis 1822. Edição de Zürich, 1895.

Das brasilianische geldwesen, 1645 bis 1822. Edição de 1897.

Catalogo da collécção de contos portuguezés, (para contos) publicado no n.º 2 do 5.º volume do *Archeologo Portuguez.*

Mr. Julius Meili teve o delicado pensamento de honrar Portugal e o Brazil mandando gravar pelo eximio artista suisso Mur Hans Frei, natural de Bâle, discipulo do celebre gravador francez Mr. Roty, uma bellissima medalha, commemorativa do descobrimento do Brazil, na opportunidade em que é celebrado o IV centenario d'este acontecimento historico.

A medalha, cunhada em prata e em bronze na casa da Moeda de Paris, é offerecida e dedicada por Mr. Meili ao povo luso-brazileiro.

Como se vê da gravura, esta notavel obra prima revela o fino gosto da concepção e o maravilhoso talento do artista que a gravou. Em Portugal e no Brazil tem tido a melhor acceitação, na opinião dos entendidos. No anverso apresenta o busto do intrepido navegador Pedro Alvares Cabral, copia de um quadro antigo, coberto de armadura e capacete. No exergo, em letras minusculas, o nome do gravador. Na orla a legenda: *Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil.*

No reverso contem no campo da medalha quatro brazões: as armas de Portugal contemporaneas de El-Rei D. Manuel, das quaes derivaram as do Reino Unido de Portugal e Brazil em 1816, as do imperio independente do Brazil em 1822 e as da Republica dos Estados-Unidos do Brazil em 1889. Entre o brazão primitivo as datas 1500 e 1900, dando a ideia do IV centenario. Por cima a dedicatoria ao povo luso-brazileiro, sobre uma fita, em cujas extremidades se lê em letras incussas: O e D. Jul. Meili.

D'esta notabilissima medalha vieram para Portugal 50 exemplares, cuja distribuição foi a seguinte:

A Sua Magestade El-Rei D. Carlos I.

Aos seguintes estabellecimentos do Estado:

Academia Real das Sciencias, Universidade de Coimbra, Bibliothecas de Lisboa e de Evora e Casa da Moeda de Lisboa.

A's Sociedades de Geographia de Lisboa e Martins Sarmento, de Guimarães. Ao museu archeologico do Carmo. Aos museus das camaras municipaes dos concelhos de: Porto, Beja, Bragança, Faro, Figueira da Fóz e Setubal.

Os restantes exemplares foram offerecidos a particulares, que se dedicam ao estudo da numismatica nacional.

O Occidente honra-se dando á estampa a primorosa offerta de Mr. Meili. A Sociedade de Geographia de Lisboa e a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes prestaram justa homenagem ao estrangeiro illustre diplomando-o socio correspondente.

Lisboa, 20 d'abril de 1900.

Manuel Joaquim de Campos.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA
EM SANTAREM
ONDE ESTA SEPULTADO PEDRO ALVARES CABRAL

MEDALHA COMMEMORATIVA DO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

Recebemos e agradecemos:

O Descobrimento do Brazil — *Publicações commemorativas.*

Grande numero de publicações teem apparecido como era natural entre nós, com motivo da celebração do quarto centenario do descobrimento do Brazil e d'algumas temos recebido exemplares. D'entre essas especies bibliographicas commemorativas destacaremos hoje:

O Descobrimento do Brazil. — *Narrativa de um marinheiro* é um elegante volume publicado pela nossa empreza, que deu á estampa, profusamente illustrada, a celebre carta de Pero Vaz de Caminha, enriquecida de notas interessantissimas e acompanhada da biographia de Alvares Cabral, uma breve descripção das bellezas naturaes do Brazil, etc, o que tudo torna o livro muito agradavel, e modico no preço, que é apenas de 300 réis brochado, e 400 réis cartonado. A capa, a côres, é reproducção de uma aguarella de Christino, alluziva ao descobrimento e apresenta muito bom effeito.

Todos os pedidos devem dirigir-se á *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo, Lisboa.

Os Caramurûs — *Romance historico da descoberta e independencia do Brasil — João Romano Torres, editor — Lisboa — Rua D. Pedro V. 84 a 88 — 1900.*

Arthur Lobo d'Avila é um nome bem cotado entre os nossos escriptores contemporaneos, pela sua investigação seria e boa critica dos seus escriptos. O assumpto do descobrimento do Brazil não lhe bastou e ajuntou-lhe a independencia, justo complemento do desenvolvimento d'aquelle paiz.

O primeiro portuguez colonisador da terra de Santa Cruz foi Diogo Alvares, fidalgo minhoto, que o destino, atravez dos incidentes de uma vida aventurosa, transformou em rei, póde dizer-se, de tribus indias, com o nome de *Caramurú.* D'este portuguez descendem centenares de familias brazileiras. D'uma d'ellas permittiu-se o romancista de encarnar o typo dos liberaes cooperadores do primeiro imperador.